Pescadores de Ilhavo — Desenho original de Annunciação — Gravura de Pedroso

Quando, ha annos, escrevemos no *Portugal Artistico* a analyse artistica e moral do melhor quadro de composição do esperançoso professor da aula de paizagem da academia das bellas-artes de Lisboa, o sr. Th. J. da Annunciação, notavamos, que segundo a opinião de um grande critico moderno — quadro de composição que não contém alguma lição de moral, faz lembrar aquella fabula de Esopo, que termina por este conceituoso epigramma: « Que bella cabeça! é pena não ter miolos! »

Nunca se dirá isto dos quadros populares do sr. Annunciação. Por mais trivial que seja a figura que elle vos desenhe, olhae-lhe para a physionomia, para a expressão, que lá se vos denunciará logo o affecto que a aviventa, a acção que representa na tela. Assim como a poesia, congenere da pintura, não deve ser um mero repuxo de phrases e rimas, embora simulem aljofres e diamantes que esmaltem e estrellem até o mais ôco poema, pois é mister que tenha alma, que isso entendemos por um pensamento dominante; do mesmo modo a pintura, a verdadeira pintura, não se deve limitar á béta das côres, á distribuição da luz e da sombra, ainda que esses toques sejam maravilhosos.

Este predicado, que então louváramos no esperançoso artista, achámos tambem no singelo quadrinho, que elle para o nosso jornal desenhou, e que reproduzimos em gravura, executada por outro mancebo, egualmente perito n'esta arte, ainda tão pouco diffundida entre nós.

Estão alli visiveis duas figuras, quêdas, silenciosas, mas ha uma terceira occulta, não pelo véo do mysterio, mas pelo da sollicitude e carinho materno.

Todos sabemos que durante os mezes da pesca, grande parte da povoação maritima de Ilhavo váe lançar as redes por essas costas de Portugal, e que para Lisboa vem muitas companhas. As praias, desde a torre de Belem até Paço d'Arcos, são a paragem onde mais se encontram homens e mulheres d'essa tribu, que constitue um typo individual no nosso paiz.

A essa praia, subjacente á velha egreja da Boa-Viagem, segundo accusa a estampa, é que o artista, incançavel collector de typos populares, foi copiar as figuras e a scena que estamos vendo.

É meio-dia dos mais calmosos de agosto. O sol dardeja na arêa alvissima da praia, requeima os ares, e escalda as plantas nuas dos pescadores que a atravessam para terra, saídos da frescura dos seus barcos, surtos á beiramar, esperando que vente para molharem a vela, e irem-se foz em fóra fazer lanço entre as encapelladas ondas que a tantos tem sido lapides!

O velho que além vêdes, ouvindo tocar as badaladas do meio-dia, largára, litteralmente, barcos e redes, para saltar em terra, depois de se ter descarapuçado, resando as ave-marias do costume antigo. Era a hora do seu jantar, em mesa de pinho, mas que figuradamente chamaremos de pau santo, por se sentarem a ella cinco angelitos, que tantos eram os bisnetos que elle tinha, todos tão pequenos que se podiam cobrir com uma joeira.

O velho ovarino, que passava a maior parte das noites fóra da barra na pescaria, desforrava-se ao

jantar em galhofar com os bisnetos, os quaes, logo que ouviam as badaladas, iam-n'o esperar, mais a mãe, que egualmente a essa hora recolhia da venda com a sua canastra, que era tambem, quando já vasia do peixe, berço do filhinho que andava criando.

N'este tal dia de abrazar, a filha, que é aquella moçoila que vêdes a levantar com muito sentido o panno que está cobrindo a canastra, encontrou o avô, caminho de casa, levando n'uma infusa de barro o vinho para o jantar. Costumava o bom do velho, tanto que encontrava a neta, deitar logo a mão á canastra, para fazer festinhas á bisneta, dando trincos com os dedos, e fazendo-lhe outras gaifonas, com o que a velhice parece remoçar-se, vendo pular e bracejar diante de si os viçosos ramos da sua arvore de geração. Só n'aquelles instantes, o homem que tem descendencia, julga que nunca morrerá! Que outra explicação póde ter a alegria, tão de dentro, que jubila a velhice quando a cérca e festeja a infancia?

Ensinemos isto á mocidade, e façamos-lhe sentir bem, que o preceito moral de respeitarmos, agasalharmos, e alegrarmos a gente edosa, é para lhe escondermos a sepultura que trazem sempre riscada diante dos olhos; para lhe dar o calor da affabilidade ao coração que lentamente os annos lhe vão resfriando; para lhe levarmos, nós os moços, a alegria e distracção que a velhice lhes não deixa ir buscar onde nós a encontrâmos.

Quão veneranda e amavel não é, pois, a velhice, e quão pouco nos custa dar-lhe prazer!

Vêde como é sympathica a physionomia rude do velho da nossa estampa. Que cara tão consternada que elle tem! A nova que lhe deu a neta fel-o estacar; parece que não tem siria nos braços, e espreita ancioso a netinha dormente, que a mãe lhe mostra, levantando subtilmente, do lado d'elle só, o panno que a cobre.

Fóra o caso, que a criança andava morrinhenta havia dias. A mãe não podia deixar de saír com ella para a venda, porque a estava criando. O sol canicular que lhe dera na moleirinha aquella manhã, havia peiorado o innocentinho. A mãe corrêra a casa de um facultativo para lh'o mostrar. O doutor tivera nojo de se chegar á canastra, com medo que se lhe pegasse ao fato alguma escama do peixe. Torceu o nariz tão feiamente, que foi mesmo cravar um punhal na afflicta mãe. Receitou-lhe de voz uma garrafada, e concluiu — que se a rapariga fosse para o ceo, désse graças a Deus.

Eis a narrativa que explica a attitude estatica do varino, a tristeza da mãe, e o cuidado, a subtileza com que ella levanta uma ponta do panno, para mostrar a filhita ao bisavô, sem a acordar da modorra em que jaz dentro da canastra.

Dois affectos grandes, e grandemente expressivos, estão alli desenhados. Porém, o predominante é o affecto-rei que Deus poz no coração da mulher — o amor materno.

Como aquella gente, sem eira nem beira, sempre fóra de casa agenciando a vida, cria os filhos, trazendo-os constantemente, ora nos braços, ora ao peito, ora á cabeça, sem cançaço, sem enfado, alegre e risonhamente, pareceria coisa fabulosa, se não soubessemos que o amor de mãe obra prodigios, e vence todos os outros amores, até o da gloria.

O sr. Annunciação é verdadeiro em todas as suas copias do natural. N'esta varina, ou ovarina, se vê. Aquelles desvelos e carinho pela filha, embalada em humilde canastra, não são inferiores aos que póde desfructar a infancia opulenta, acalentada por amas e aias em berços cortinados.

Esta pintura, sobre ter o merito de representar os trajos graciosos d'aquella povoação maritima, é de mui correcto desenho, e de exacta perspectiva, como tem todos os quadros do sr. Annunciação, paizaista já admiravel, e que tem diante de si um largo futuro, se lhe proporcionarem os meios de fazer uma viagem fóra do reino, onde o seu talento poderá tomar altissimos vôos.

Sobre o seu merito, e collecção dos quadros que elle tem pintado, veja-se a biographia escripta pelo sr. J. A. Marques, no ultimo numero da *Revista Contemporanea*.

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

INTRODUCÇÃO

(Vid. pag. 18)

O SARGENTO DE VETERANOS — HISTORIA D'UMA CUTILADA

N'isto pensava n'aquella tarde, e n'aquelle logar, que me chamára a taes reflexões, quando n'ellas me interrompeu uma voz rude, mas na intonação benevola, que, a poucos passos de mim, pronunciava estas palavras em tom de affectuosa protecção:

— Boas tardes, rapaz. Então como te dás lá na bateria?

O interpellante era um sargento de veteranos, alto, sêcco, e direito, espesso bigode grisalho, rosto marcial, uma cicatriz que lhe tomava meia face, no peito a medalha das cinco campanhas.

O interpellado era um artilheiro ainda novo, que vinha do lado do Terreiro, e provavelmente se dirigia ao quartel.

O veterano estava acostado á muralha com a frente para o Arsenal. O artilheiro veiu direito a elle, e correspondeu á saudação amigavel com um ar de deferencia, que indicava mais do que respeito pelas divisas.

— Boas tardes, tio Casimiro — disse elle. — Não me dou mal na bateria, obrigado. Assim não fosse tanto a miudo o exercicio. Vae-se tornando pesado o serviço.

— Vossês sabem lá o que é serviço hoje em dia! — tornou o veterano.

O artilheiro não pareceu offendido da apostrophe. Reconhecia evidentemente no seu interlocutor o direito de fallar d'este modo; e não era pouco significativo aquelle assenso tacito da parte de um soldado moço, naturalmente costumado a ouvir os camaradas motejarem d'estes *laudatori temporis acti*, que de ordinario desafiam o sorriso á juventude petulante.

Esta circunstancia avivou-me a attenção, e não perdi mais de vista o veterano. N'outra qualquer conjunctura não teria de certo reparado em tão vulgar incidente; mas o velho militar, ainda firme apesar dos annos, representando-me as reliquias vivas de uma gloria recente, correspondia de tal modo e tão directa e opportunamente ás minhas interiores cogitações, que tudo para elle e para alli me estava attrahindo.

A conversação dos dois durou pouco. O artilheiro tinha de estar no quartel ao toque da retreta, e não podia demorar-se.

Como o veterano ficasse só, cheguei-me insensivelmente. Vendo-o com os olhos fitos nas peças empilhadas no pateo da Fundição, disse-lhe para introito:

— Faz pena ver isto agora!

O sargento mediu-me de alto a baixo com desconfiança. Maravilhava-o, provavelmente, este desusado entremettimento de um *paysano*. Penso, porém, que me foi favoravel o exame. A admirativa sympathia pela sua pessoa, que eu mal encobria, e que elle para logo percebeu com a penetrante intuição do

soldado velho, como que secretamente o lisonjeára, porque me respondeu com uma affabilidade que nada condizia com a suspeitosa investigação precedente:

— O senhor é rapaz e não póde lembrar-se. O que faria se visse o que eu vi!

— Muito ha de ter visto, creio — acudi alvoroçado com estas boas disposições. — Tem ahi no rosto um signal que bem o prova.

— São ossos do officio.

— São distinctivos que devemos todos venerar.

O veterano tornou a fitar-me com certo ar de surprehendimento. Evidentemente não estava costumado a fallarem-lhe assim. Notei os progressos que ia fazendo no seu espirito, e, proseguindo n'um designio que me despontára subitamente na idéa, continuei:

— Essas são condecorações que se não confundem, e honram tanto o soldado que as alcançou servindo a patria, como a patria que ainda conta taes soldados.

— Era assim no meu tempo. Hoje...

— Hoje tambem. Se ha quem pense e diga o contrario, ha ainda muitos e muitos que se inclinam diante de taes cicatrizes, e estimam no que valem esses attestados vivos de uma epocha de verdadeira gloria.

— E foi — tornou o veterano, interessado já no dialogo, faiscando-lhe dos olhos cavos um raio do fogo de outra edade — Bom tempo, grande tempo! D'estes attestados, como o senhor lhes chama, não me faltam, Deus louvado. E não me dei mal. Aqui onde me vê vou fazer sessenta e oito, e não me troco ainda por muitos que ahi vejo de cinta arrochada e ancas saídas. Soldados de parada! D'esses ria-se a gente. Uma sangria de vez em quando não se estranhava então. Mais se estranhava a cama. Umas semanas de hospital, quatro dias de convalescença, e voltava um homem á desforra. Ao cabo de uma campanha, o galucho mais galucho estava rijo como um ferro. Este signal que vê foi uma festa de sabre que me fez um caçador do *Mau-galão* [1], na Canoeira, logo ahi para a frente de Leiria, que é a minha terra, quando os francezes lá entraram a segunda vez. Isso são contos largos.

— Foi uma batalha formal?

— Nada. E uma historia.

— Nega-m'a?

— O que! a historia? Eu sei... Os rapazes d'agora mettem á bulha estas coisas...

— Não eu, e bem quizera ouvir para aprender.

— Em fim, visto que deseja... vá. Depois não se queixe se lhe parecer comprido o caso.

— Não parece de certo.

— Ha de o senhor saber, que sou de uma familia de fazendeiros, que vivia na Mourã, perto da cidade. Estava em casa a tratar-me de umas terçãs teimosas, que tinha apanhado em Alcacer. Tinha-me lá mandado o meu coronel. Quando me disseram que vinham os francezes, saltei da cama, e juntei-me á paysanada. Quiz ver se a levava para a frente. A vontade era boa; mas os pobres homens, coitados, não tinham armas nem pratica. Mettia-lhes medo a artilheria e ainda mais a cavallaria. Meia bateria, meia só que alli tivesse do meu regimento!...

— Era d'artilheria?

— Do regimento d'Elvas. Assentei praça com o coronel Oliveira, um homem ás direitas, e que sabia do officio. Como lhe ia dizendo, se temos alli um destacamento de linha, e umas pecinhas de 6 para dar animo ao gentio da terra, outro gallo cantára n'esse dia, que bem triste acabou. Fui de madrugada com os rapazes da Mourã e da Carvalha, e dois ou tres milicianos, pôr um piquete avançado a coberto da quinta do senhor capitão-mór, que ficava no caminho. Seriamos uns quarenta. Só os milicianos tinham espingardas, e uns sete ou oito armas caçadeiras. Os mais, chuços e roçadoiras.

— E com isso se atreviam a esperar forças aguerridas como as do exercito francez?

— A bem dizer não era esperal-as; era... Havia lá defesa! Nem quem podesse commandar? Não era possivel resistir. Mas não se pensava no meio da balburdia, e o povo o que queria era atirar-se ao inimigo, fosse como fosse. Como quem diz, um instincto! Hoje em dia não se faz idéa do que foi aquillo por essas provincias fóra. Aconteciam muitas desgraças, bem sei. Que quer? Não havia ter-lhes mão, e uma pessoa, quando ouvia aquella gente e o que ella contava, tambem não era senhor de si: ia para diante com os outros. E depois os francezes sempre perdiam gente! Admira-se? Quantas d'estas, e outras ainda mais loucas... Loucas, sei lá!... Se era loucura, pegava-se... de fazer inveja, digo eu... Quantas mais lhe não podia contar!...

— Quem me dera que m'as contasse todas! Mal sabe como lhe ficava agradecido.

— Veremos, veremos. Vamos ao caso. A manhã correu sem novidade. Pela volta das dez para as onze horas, não vendo vir ninguem, avancei da quinta para subir aos cabeços da Calvaria d'onde se avistava mais terreno. Principiava a crer que fosse rebate falso. De repente, sentimos galope de cavallos. Os rapazes enfiaram e olharam para as casas da quinta, que nos ficavam já a uns trezentos passos á rectaguarda, no fim de uma chan sem abrigo. Percebi-os e gritei-lhes: «firmes!» Ficaram-se... de vergonha, mas já desconfiados. Eu bem conheci pelo tropel que era cavallaria, e não podia ser senão franceza. Mas que lhe havia de fazer? Se os deixo retirar, os francezes apanhavam-nos por força na campina, sem nos darem tempo de nos abrigarmos na casaria, e acutilavam-nos á sua vontade. Tinhamos á esquerda, muito mais perto, um moinho n'um outeiro. Postei alli a gente como pude. Os francezes desembocaram logo de um atalho entre vallados. Seriam uns vinte e tantos caçadores a cavallo, commandados por um official. Famosa tropa, valha a verdade. Era já de melhor trato. Assim que nos viram, pararam. «Bom signal» disse eu para os rapazes. «Tem ainda mais medo do que vocês.» Era um modo de fallar. Mas foi bom: alguns riram. Não se ouvia tiroteio, nem havia mais signal de inimigo perto. «Bravo, pensei commigo, com vinte miqueletes de Villa-Viçosa aqui, estavam apanhados os francezes até ao ultimo. Com esta gente... Quem sabe? Sempre é bom tentar.» E, voltando-me para o piquete, disse-lhe assim em ar de mofa, para fazer acreditar que era facil a coisa: «Rapazes, vocês querem caçar aquelles caçadores?» Os milicianos lá coçaram a orelha; mas os outros, que tinham menos experiencia, e passavam com facilidade de grandes sustos a grandes confianças, como é natural em gente bisonha, gritaram todos juntos: «Vamos a elles, anspeçada, vamos a elles.» Eu era então anspeçada... Não sei se o enfadam estas miudezas?

— Enfadar-me, sargento! Estava aqui a ouvil-o até ámanhã. Não me podia dar maior gosto. Continue, que lh'o peço com instancia.

— É que em a gente começando a lembrar-se, falla, falla...

— Para mim nunca de mais, creia.

— E depois estas coisas não se podem entender sem se darem explicações.

— Tanto melhor.

[1] *Margaron* queria naturalmente dizer o veterano, que foi com effeito o general francez que em 1808 saiu de Lisboa contra as provincias do Norte revoltadas, e a 2 de julho atacou Leiria, onde deixou terriveis memorias.

— Pois então, repare. Nós estavamos á esquerda, n'um outeiro, como lhe contei. Á direita ficava-nos o valle, que se ia estreitando para o lado do atalho d'onde vinham os francezes. Os altos seguiam assim a modo de arco, até pegarem com as terras altas que ladeavam o dito atalho. Avançando nós de flanco por aquelles altos, até nos irmos alojar nos vallados, os francezes estavam cortados, se não retirassem a tempo; e se retirassem, póde imaginar como ficaria animada a minha gente. Percebe?

— Perfeitamente. No primeiro caso inutilisava os exploradores inimigos, e dava um golpe de mestre; no segundo evitava o choque, e ao mesmo tempo ganhava força moral.

— Bravo. É isso. A tentativa lá era atrevida com a gente que tinha; mas, se me saísse bem, que bom principio! Eu tremia com o frio da terçã, e não queria que os rapazes pensassem que era outra coisa. Aproveitava assim a occasião para aquecer. Pelos outeiros não nos podiam os francezes carregar, que eram todos cobertos de sebes e de vinhas. Tudo isto vi n'um relance. Um *paysana* nem que estivesse tres horas a scismar. Estas coisas dá-as a prática. «A marche-marche» gritei; e galgámos por alli fóra como uns gamos. Havia só uma duvida que me não lembrou logo... Nem tudo lembra... Antes de chegar ás terras de arvoredo que os vallados talharam, e d'onde sem perigo podiamos com as nossas poucas espingardas tomar o passo aos francezes, apertados no carreiro, faziam os outeiros mesmo no reconcavo uma quebrada onde o campo se estendia um pedaço descoberto. Alli estava o *buzilis*. Nós, que iamos por cima, estavamos mais perto e conheciamos o terreno; os francezes na bocca da planicie tinham soffriveis cavallos e o faro de gente de guerra, que isso, não é lá por desfazer em ninguem, mas sempre é outra coisa. Se atravessassemos a quebrada sem que elles nos investissem, ou antes de chegarem a nós, tinhamol-a feito a limpo. Mal que topámos no principio da descida, parei um instantinho a ver se via os cavallarias. Nem um. «Retiraram» disse commigo, e segui com os outros de corrida. Ainda bem não chegavamos a baixo, estavam os francezes sobre nós.

— Sem os ver?

— Não tinham perdido tempo tambem, os amaldiçoados manhosos. Vendo o nosso movimento adivinharam-nos a tenção, metteram a toda a brida direitos á quebrada, e emboscaram-se n'um cotovelo que fazia o monte. Quando démos por elles tinhamnos já as espadas em cima. Nem tempo havia de pensar. Para mostrar aos rapazes como a gente se podia defender, metti a arma á cara, e dei no chão com o official que vinha na frente. Os milicianos tambem fizeram fogo unidos. Se todos se conservassem firmes, os chuços e roçadoiras davam ainda que fazer aos francezes. Mas começaram-me logo a debandar. Foi o mal todo. Os pobres milicianos pagaram com a vida. Dos outros poucos escaparam sãos. Logo ao principio caíram sobre mim quatro francezes, nem menos. O primeiro foi fazer companhia ao official, o segundo atirou-me este talho de mestre, que me deitou abaixo atordoado. Não dei tino de mais nada. Creio que me deixaram por morto. Com a friagem da noite tornei a mim e arrastei-me até casa. A casa de meu pae era retirada. Minhas irmãs esconderam-me n'um celleiro velho, e escapei de ficar prisioneiro. Um mez depois fui juntar-me ás tropas do conde de Castromarim que tinha vindo do Algarve para Evora. O mais é que estava curado das terçãs. Veja lá se era boa a receita. Aqui tem como apanhei a primeira cutilada.

— Foi ferido mais vezes então?

— Sete; tres na cabeça, uma no peito, esta na face, e duas nos braços. Graças a Deus sempre pela frente.

O veterano dizia isto com uma ufania, de que não podéra rir-se, juro-o, o mais obstinado fabricante de epigrammas.

Despedi-me d'elle com um acatamento sincero. Era guarda, fiel, ou não sei que do trem.

D'alli por diante voltei muitas vezes para ouvil-o. Como terá notado o leitor, não era difficil trazel-o a um assumpto, para elle naturalmente agradavel, para mim summamente interessante. Gostava de contar, e contava com prolixidade, mas encontrava em mim o ouvinte mais attento e constante que nunca achára. Era um archivo inesgotavel do muito que tinha visto, e do muito que tinha ouvido. Eu puxava-lhe pela lingua, e elle não se fazia rogado.

Ficámos em breve amigos intimos. Se alguma vez o não via no sitio costumado, vinha para casa descontente; e, pela minha parte, quando lhe não apparecia, creio que lhe fazia falta tambem.

Em dezembro de 1857 passei por alli umas poucas de vezes seguidas, sem o avistar sequer á porta, como costumava. Tinha já saudades da figura ainda desempenada do tio Casimiro, e d'aquelle rosto severo, que para mim se fazia prasenteiro, quando me dizia, retorcendo o bigode:

— Então quer historia hoje?

Tornei uma e outra vez. Nada. Deu-me uma pancada o coração. Informei-me. Tinha morrido da febre amarella, depois de servir de enfermeiro a uns poucos de camaradas, a quem salvára a vida.

Foi a sua ultima batalha e a sua ultima ferida — a mortal!

Deus lhe falle n'alma, ao meu valente sargento, que exerceu toda a sua vida o officio de heroe sem dar por isso. Mal sabia elle, quando innocentemente me contava as suas historias, que viriam ellas ainda a figurar em letra redonda. Se adivinhasse a intenção reservada com que lh'as sollicitava!...

As scenas, que vou narrar, são com effeito a herança do veterano recolhida nas nossas palestras. Disponho d'ellas sem escrupulo: paguei-lh'as com o prazer que lhe dei, escutando-as. Assim ellas o dêem tambem ao leitor.

MENDES LEAL JUNIOR

URZELLA

Ácerca da urzella tem-se escripto muito; mas para explicação da estampa que ahi se vê, basta limitarmo-nos a resumir o que publicou o nosso eminente botanico Felix de Avellar Brotero.

«A urzella é uma planta cryptogamica imperfeita, a que os portuguezes deram este nome, os hespanhoes o de *orselle* ou *orchilla*, os francezes o de *orseille*, derivando-o, com pouca corrupção, de *rocella*. que primeiramente lhe deram os italianos, querendo indicar por elle uma planta que dá cor roxa, e que os nossos sabios melhor teriam traduzido pelo de *roxella* ou *rubella*.

Pertence á amplissima familia dos lichens, que hoje se divide em muitos generos.

A verdadeira urzella, em logar de raiz tem um apoio nodoso aplanado, orbicular, e raramente mais uns fios minimos, com os quaes e com sua base se agarra ás pedras. Do seu apoio ou base nodosa, costumam sobresair muitas hasteas, aproximadas como um feixe, levantadas, roliças, pouco ramosas, de uma pollegada até tres de altura, e tanto ellas como os ramos são de côr cinzenta-alvadia, e terminam em pontas agudas.

Não se lhe divisam flores com estames nem pistil-

los regulares, e só tem nos lados umas verrugas ou tuberculos alternos, quasi rentes, um pouco chatos para cima, farinosos e alvadios.

Esta planta é inodora, tem sabor um pouco salgado, e por fim levemente acre.

Nasce naturalmente, sem cultura nem amanho, nos pincaros, e rochedos da beiramar das nossas Berlengas, da Provença e Languedoc, ilhas de Corsega, Elba, Sicilia; nas da Berberia, nas ilhas de Cabo-Verde e outras nossas de Africa, nos Açores, Canarias, Tenerife, etc. »

A urzella tem grande prestimo para a tinturaria, porque é o lichen que produz a mais viva côr purpurea. Serve não só para a tinturaria, mas tambem para a pintura, para dar côr aos marmores, vinhos, licores, pastilhas, papeis, etc.

A urzella, desde muito tempo conhecida nas Canarias, só em 1730 se descobriu nas nossas possessões de Africa.

Uns negociantes de Tenerife, á vista de uma amostra d'este musgo que lhes foi enviada da ilha Brava (uma das do archipelago de Cabo-Verde), mandaram uma embarcação com alguns urzelleiros áquella ilha, onde carregaram 500 quintaes, dando de *luvas* ao capitão-mór, pela licença, uma pataca por quintal.

Os jesuitas sabendo d'isto, e conhecendo o valor commercial d'esta planta, requereram a el-rei D. João V privilegio exclusivo para apanhar e exportar aquella *hervinha secca*, querendo inculcar por este humilde nome, que a planta era de pouca valia, ou talvez (Deus nos perdoe) para illudir a boa fé do governo, suppondo-o ignorante do prestimo industrial d'aquelle lichen.

Mas o rei, que já estava bem informado, em vez de dar o privilegio aos padres, tomou-o para si, prohibindo a apanha da urzella, e dando-a de arrematação a um negociante hollandez estabelecido em Lisboa. Em 1750 arrematou-a um portuguez chamado José Gomes da Silva Candêas, que lhe deu

Urzella

grande incremento, até que passou para a administração da companhia do Grão Pará e Maranhão, que fraudou o estado grandemente, em virtude do que passou a ser administrada por conta do governo em 1750.

Prosperou muito desde esse tempo, a ponto que de 1820 a 1840, subiu o seu rendimento liquido para o thesouro, de 80 a 100 contos de réis.

O decreto de 17 de janeiro de 1837, que declarou livre a exportação da urzella das provincias de Angola, Moçambique, S. Thomé e Principe, posto não fosse tão boa como a de Cabo-Verde, fez-lhe perniciosa concurrencia, pelo que os arrematantes largaram o contrato.

Em 5 de junho de 1844, promulgou-se outro decreto, declarando que o commercio das plantas conhecidas pelo nome de urzella, ficava, em todas as provincias portuguezas de Africa, exclusivamente reservado ao governo, o qual o poderia dar por contrato, se fosse conveniente, gozando os contratadores de todos os privilegios concedidos aos arrematantes de fazenda publica.

Os investigadores que desejarem mais amplas noticias, podem ver a citada memoria do dr. Brotero; a do naturalista brasileiro Feijó, no t. 5. das « Memorias Economicas » da academia real das sciencias de Lisboa; a « Chorographia Cabo-Verdiana, e os « Ensaios estatisticos » de Lopes de Lima.

BIBLIOTHECA ESCHOLAR

Como jornal dedicado á instrucção popular, tem este obrigação de insinuar e aconselhar, quaes os livros mais aptos e correctos para o ensino das diversas disciplinas, comprehendidas no curso de preparatorios para mais altos estudos.

O novo conselho de instrucção publica já classificou discretamente em tres cathegorias os livros des-

tinados para o ensino publico, a saber: *adoptados*, *approvados* e *prohibidos*.

D'este modo teremos a final uma «bibliotheca escholar.»

Em quanto, porém, se não procede a essa classificação, iremos apontando os livros que já tiveram bem merecida approvação do antigo conselho, e outros que, posto não a tivessem, gozam de boa opinião, e tem já sido experimentados.

Entre os que reunem as duas condições de approvados e experimentados, tem distincto logar o *Bosquejo Metrico da Historia de Portugal*, composto pelo conselheiro A. J. Viale, professor de linguas, historia e litteratura da familia real, e de litteratura antiga no curso superior de lettras.

Este livro, com quanto seja do genero didactico, é, todavia, superior aos dois graus da instrucção primaria, como o proprio auctor declara na advertencia preliminar, mas sim optimo para os exercicios praticos da secundaria.

Ouçamol-o nos seguintes periodos:

«Poucos serão os successos de alguma importancia occorridos na nossa patria, ou concernentes a ella, que não se memorem nas duzentas setenta e tantas oitavas de que se compõe esta obra, consagrada á estudiosa mocidade portugueza.

Assim, a recitação, ou ainda a simples leitura de qualquer oitava, escolhida pelo professor, ou tirada á sorte, póde dar assumpto a mais de uma pergunta por parte do examinador e pela do examinado; o maior ou menor desenvolvimento ácerca do facto ou factos na mesma estancia indicados, ou a respeito do heroe ou do escriptor de que n'ella se faça menção.»

E com effeito, está este epitome da historia de Portugal disposto por tal arte para o fim designado, que nem sequer lhe falta um indice historico, biographico, geographico, etc., para que, sem ser necessario recorrer a outros livros, se possam averiguar e expor os principaes acontecimentos que deve saber todo aquelle que se glorie de ser filho d'esta heroica nação.

Sobre o seu merito litterario e poetico, basta dizermos, que um juiz supremo n'estas materias, o sr. Antonio F. de Castilho, transcrevendo d'elle algumas oitavas n'uma selecta dos auctores de boa nota que podem servir de exemplares nas escholas, o qualifica d'este modo:

«Acabastes de ler os elogios da nossa lingua em commum; razão é que vejaes agora o que do merecimento de seus principaes classicos escreve um contemporaneo, que, em a bem saber, hombrêa com elles, e no tratal-a com facundia, elegancia, harmonia e primor de rima, a nenhum outro cede vantagem.»

Ha já duas edições do *Bosquejo Metrico* (1856 e 1858); e o auctor escreve actualmente novas estancias para acrescentar á terceira, que não tardará lhe seja pedida.

Algumas d'essas novas estancias, a respeito de escriptores classicos ou de nomeada, são as seguintes, que obtivemos da amigavel condescendencia do distincto poeta, nosso douto collega e mestre, o sr. conselheiro Viale.

Além da riqueza e propriedade da linguagem e rima, modelo seguro para estudo de principiantes, as oitavas que publicâmos fazem muito ao nosso intento, que é incitar a mocidade á leitura dos nossos bons auctores, para retemperar a linguagem, tão desbotada hoje, não tanto pela corrente salôbra dos livros francezes, quanto pelo desprezo das fontes copiosas que temos nos classicos, que só ellas podem abrir-lhe e realçar-lhe as côres nativas.

Para este fim, pozemos em nota, a cada estancia, a obra de cada auctor que se deve preferir, quanto á linguagem.

ADDIÇÕES AO «BOSQUEJO METRICO DA HISTORIA DE PORTUGAL»

Depois da oitava 18, canto III

FRANCISCO DE MORAES [1]

Mil sonhos vãos de accesa phantasia
Conta Moraes, em phrase pura e tersa:
De paladins o esforço a galhardia,
De bellas damas dita, ou sorte adversa.
Com elle, estudioso, noite e dia,
Do luso Pindo o principe conversa,
E adorna assim, ufano, os seus poemas,
Com galas mais louçãs, com finas gemmas.

Depois da oitava 24, idem

S. JOÃO DE DEUS [2]

Em quanto Xavier, da fé divina
As luzes leva ás regiões da aurora,
João a caridade á gente ensina,
Que a fé já recebêra, e a Christo adora.
O prelado da egreja granadina
Vendo quanto em seu zelo se afervora,
«João de Deus» o acclama! Um tal cognome
Em brilho excede ao mais augusto nome.

Varão de Deus, consagra, a Deus acceito,
Gostoso, a seus irmãos fazenda e vida:
O fraternal amor, que arde em seu peito,
Contínua impõe-lhe trabalhosa lida.
Devem-lhe enfermos mil conforto, leito,
Cura, desvelos, hospital, guarida:
D'elle, e dos filhos seus e imitadores,
Gratos, tres povos cantam os louvores.

Depois da oitava 37, idem

FR. THOMÉ DE JESUS [3]

Filho e traslado do hipponense Antiste,
Thomé, no amor fraterno ardendo absorto,
Em Alcacer aos seus exhorta, assiste,
Té que é preso, ferido e semi-morto.
Medita após, e narra em prisão triste,
(Que na aridez do acerbo desconforto
Chove-lhe a graça mysticos orvalhos)
De Jesus as finezas e os trabalhos.

Depois da oitava 47, idem

D. FR. AMADOR ARRAES [4] FRANCISCO RODRIGUES LOBO [5]

Arraes, brasão de Beja, e do Carmello,
Rico em sciencia humana e na divina
Com attico sabor, e estilo bello,
Dicta preceitos de moral doutrina.

[1] Auctor classico da *Chronica de Palmeirim de Inglaterra*, e de outros escriptos romanticos. Era tão zeloso da lingua portugueza, que tendo feito um vilancete em castelhano, logo, por modo de emenda, compoz outro em portuguez, com a seguinte protestação: «Hei que faço injuria á minha natureza, querer bem como portuguez e escrevel-o em castelhano.»

[2] Santo portuguez, instituidor dos frades, ditos de S. João de Deus, para a cura e tratamento dos enfermos nos hospitaes. Escreveu varias cartas espirituaes, que andam publicadas nas suas biographias.

[3] Auctor classico da obra mystica intitulada *Trabalhos de Jesus*. Compoz este livro nas masmorras de Fez, porque foi um dos que acompanharam el-rei D. Sebastião a Africa, e ficou captivo na infausta batalha de Alcacerquibir. Escreveu esta obra com tanta difficuldade, que o capitulo ou trabalho XLVIII, confessa elle, «tel-o composto um dia que se viu muito affligido e desconsolado de dentro e de fóra, carregado de ferros, preso, só, e em uma casa tão escura, que para o escrever não teve mais luz, que a que lhe entrava por gretas de uma porta, que não tinham mais que a grossura de uma penna de gallinha.»

[4] Auctor classico de um volume de *Dialogos*, de grande erudição, boa doutrina, copiosa e tersa linguagem.

[5] Auctor classico de varias obras de prosa e verso, entre as quaes se avantaja a *Corte na Aldêa*, livro mui aprazivel, e prestadio para o estudo da nossa lingua e costumes antigos. Tambem é d'elle um poema em vinte cantos de oitava rima, intitulado o *Condestavel de Portugal*, em que as acções de D. Nuno Alvares Pereira são altamente sublimadas.

Cortezão e pastor, culto e singelo,
Rodrigues toca a flauta campezina:
Mas seu fado não quer que aos astros suba,
E com applauso egual emboque a tuba.

VASCO MOUSINHO DE QUEVEDO [6]

Do Quinto Affonso, com primores de arte,
As lybicas facções canta Quevedo:
Horrores narra do cruento Marte,
Pinta amenos jardins, Tartareo enredo,
A sublime belleza alcança em parte
Dos cantores do Gama e de Godofredo;
E ao lado d'elles, no heliónco monte,
Cinge de epico loiro a douta fronte.

Depois da oitava 18, canto IV

FR. FRANCISCO DE S. AGOSTINHO MACEDO [7]

De erudição rarissimo portento,
Macedo, então florece, e a Italia espanta:
Mas sciencia arrogante é fumo, é vento,
Que inutil sobe ao ar, que pó levanta.
Aos pósteros não lega um monumento
Que digno haja de ser de gloria tanta:
De tanto engenho, estudo e altivos ausos,
Tão só colhe infructiferos applausos.

D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO [8]

Mello, escriptor fecundo, e douto e arguto,
Narra, ensina, diverte, e ao bem exhorta,
Do templo da moral, com gloria e fructo,
Ornando a senda, descerrando a porta.
Em mais de um lance de tristeza e lucto,
Com brando elóquio miseros conforta,
E a ditosos, do fado entre as caricias,
Augmenta, apura os gozos, as delicias.

Depois da oitava 18, canto V

JOSÉ ANASTACIO DA CUNHA [9]

Mais de um douto escriptor, em varios ramos,
Ostenta engenho, e porfiado estudo:
Acode a mocidade aos seus reclamos,
E ceifa palmas no pollineo ludo.
D'alta sciencia que ao varão de Samos,
Em tudo grande, preferira a tudo,
Cunha penetra os adytos, e d'ella
Toda a doutrina, lucido, revela.

Depois da oitava 28, idem

THOMAZ ANTONIO GONZAGA [10]

Aos mais nobres laureis prepoz Gonzaga
De myrtho e rosas vivida capella:
A Téa lyra herdou, tão doce e maga,
Mas assumpto cantou mais digno d'ella.
Nunca a torpes paixões tributo paga
A musa de Dircéo pudica e bella:
Aos do cantor de Laura eguaes estimo
Seus carmes, em frescor, ternura e mimo.

A. J. VIALE

[6] Auctor classico do poema heroico da conquista de Arzila e Tanger por el-rei D. Affonso V, que por esta razão intitulou *Affonso Africano*.
[7] Jesuita, e depois frade capucho, homem de immensa erudição e portentosa memoria, celebrado por ter defendido em Roma theses de *omnia scibili*, e publicado centenares de escriptos em prosa e verso, nas linguas latina, hespanhola, italiana e portugueza.
[8] Auctor do poema erotico intitulado *Marilia de Dirceo*, e comparado por alguns a Petrarca. Está já traduzido em italiano.
[9] Auctor classico, e um dos escriptores mais copiosos e creadores da nossa lingua.
Ha d'elle muitas obras, quasi todas impressas, de historia, moral, e litteratura, prosa e verso. As mais gabadas são os *Apologos Dialogaes*, e a collecção das suas *Cartas Familiares*, a respeito das quaes escreveu tal auctoridade, como é o sr. A. Herculano, o seguinte:
«O sal com que estão escriptos estes inimitaveis *Dialogos*, o modo com que n'elles se castigam as loucuras, ridicularias, e maldades de uma sociedade corrupta; o talento com que o auctor trava esta especie de drama, genero de que alguma coisa participa o dialogistico, a critica, erudição e bom gosto de que elle dá provas, principalmente no dialogo, são os principaes motivos para se dar a este livro a primazia entre tantos que D. Francisco Manuel escreveu.»
«Estas *Cartas*, que pela natureza do livro, pareciam o menos importante dos que compoz o nosso auctor, são um dos mais illustres monumentos da sua gloria litteraria. A variedade das materias, o tom conveniente, o estilo, e sobre tudo a pureza e propriedade da dicção, fazem que ellas sejam um dos melhores modelos, dos que n'este genero possue a lingua portugueza.»
[10] Celebre mathematico e poeta, cujas obras acreditam grandemente a sua sciencia e litteratura.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

Em quanto não damos vasão aos artigos mais interessantes que nos tem affluido, somos forçados a estreitar as observações, que havemos começado, sobre a propriedade e construcção grammatical da nossa lingua.

Iremos, comtudo, dando sempre algum aviso tocante aos erros mais arreigados e vulgares.

É trivial ouvirmos e lermos em lettra redonda: Não passou *desapercebida* a sua observação, tal pessoa, objecto ou allusão. Fulano fez-se *desapercebido*, ou fiz-me *desapercebido*.

N'estas, e em outras muitas phrases vulgares que ora nos não lembra, erra-se vergonhosamente a natureza do verbo desaperceber, e a sua regencia.

Desaperceber, que ordinariamente se usa no participio desapercebido, é verbo activo, e significa desapparelhar, desarmar, desprover, e tambem desavisar, desprevenir.

Desperceber e despercebido, é não ter ou não ser percebido, não entender, não reparar. Já se vê que este verbo tem accepção e natureza mui diversa d'aquell'outro, e usal-o pelo modo apontado nas locuções que acima transcrevemos, é barbarismo intoleravel.

Deve-se, pois, dizer: Não passou despercebida a sua allusão. Fulano fez-se despercebido, isto é, desentendido, etc.

«O reino está desapercebido de armas e de mantimentos», disse Vieira, isto é, desprovido, desguarnecido, desarmado, sem os *apercebimentos* necessarios para a guerra.

«As tentações do demonio, peccadores, vos tomam desapercebidos», escreveu Diogo de Paiva, queria dizer, sem estardes prevenidos, preparados, escudados, com a fé, doutrina e orações da egreja.

Em summa, temos o adagio que diz: «Homem desapercebido, meio combatido.» Isto é, descuidado, desarmado, não provido ou prevenido para qualquer accommettimento, insulto ou engano.

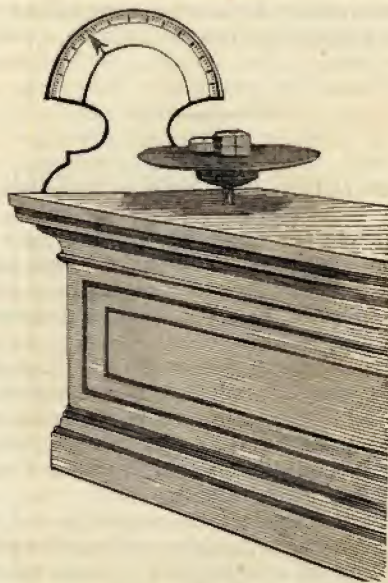
Basta o pouco que fica dito, para que os escriptores principiantes evitem erro tão crasso, a que infelizmente os induzem até alguns diccionarios da nossa lingua, ou antes da lingua de seus auctores...

APERFEIÇOAMENTO DO PESA-BAGAGEM E MERCADORIAS

Mr. Brussaut fez já um notavel aperfeiçoamento ao seu novo engenho, por isso nos apressámos de juntal-o á descripção e gravura que démos a pag. 5 d'este volume.

Substitue á haste da balança o seu eixo circunvertente.

Sobre o apparelho interno, que é a alma do invento, ha um prato, ou concha visivel, na qual se depõem os objectos para pesar, e o peso é indicado pela agulha do meio quadrante de duas faces, uma

para o publico, e outra para a pessoa que o serve. (Vêde a gravura)

Além de outras, este methodo tem a vantagem de tornar impossiveis as fraudes, e simplicissimas as verificações do fisco, que n'um instante entra e vê, pela aferição, a fidelidade do peso.

Brussaut estabelece, n'esta idéa, cinco especies de pratos-pesadores, aos quaes chama: *ponte-pesadora*, para os grandes pesos ao nivel dos cães, no solo dos armazens, etc.; o *prato-pesador-medio*, para os pesos medios; o *pesa-bagagem*, para as estações *(gares)* dos caminhos de ferro; o *pesa-pão*, e o *pesa-tabaco*.

Dissemos, quanto ao pesa-bagagem, que o empregado deveria olhar para o mesmo quadrante em que o publico verifica o peso dos fardos; Brussaut remedeia tal inconveniente, para a facilidade do serviço das estações, assentando na guarita do empregado um contra-quadrante com um contra-ponteiro, o qual trabalha exactamente como o que vê o publico, por meio do simples movimento de relogiaria.

Como no systema dos pratos-pesadores não ha pesos, o pesa-pão, que póde ter diversas applicações, apresenta a grande vantagem de evitar o perpetuo contacto das mãos do vendedor com os pesos de cobre, cuja oxydação, transmittida aos comestiveis, prejudica a saude.

Quanto ao pesa-tabaco diremos, que o ponteiro, ou agulha, não indicará no quadrante os pesos, mas os preços. Para as mercadorias que tem preços invariaveis, é melhor graval-os na escala.

Para, em conclusão, dizermos uma palavra ácerca da construcção interior do prato-pesador, repetiremos o principio geral em que Brussaut o estabelece: «Tem por bases de acção e sensibilidade: «1.º como meio dynamometrio, a alavanca curva «rolante com contrapeso fixo e resistencia progres-«siva; 2.º como meio de mobilidade, o simples sys-«tema de suspensão conhecido e empregado nas pen-«dulas de instrumentos de precisão, applicado aqui «a um cylindro mobil tomado como testa de ala-«vanca»; e poder-se-hia ajuntar, segundo Le Noir: «3.º como ponto de apoio, o rolo circonvertente, «em logar da haste.»

Será conveniente que este engenho se adopte nos nossos caminhos de ferro, para o breve despacho dos passageiros, e exacção da cobrança dos direitos da alfandega.

ANTIGUIDADES NACIONAES

RECEITA E DESPEZA DE PORTUGAL EM 1618

(Correspondencia secreta do anno 1628)

Eu fiz no anno de 618 um calculo e balanço da rendição d'esta coroa, que cuido mandei a v. ex.ª a Madrid. [1] Achava eu que esta coroa rendia 1:186 contos de réis, sem entrar n'isto a rendição do estado da India, que importava n'um milhão e 300 mil pardaus, com a rendição de Ormuz, terras de Salsete, Bardez, e outros direitos.

E depois d'esta receita do reino, fiz a despeza d'elle, por quatro partidas, em que se comprehende tudo o que gasta, e de que se póde dar certeza, a saber: juros, tenças, ordenados, e logares de Africa. Sobre estas quatro rodas anda este carro, afóra armadas da costa, e armadas da India, que não recebem orçamento, nem dispendio averiguado.

Achava eu, que nas quatro partidas referidas se gastavam 627 contos de réis. Para prova da renda, direi o que me ficou de memoria, que até os rascunhos e borrões dei, e não tenho mais que a memoria, que é a minha torre do tombo ou do vento.

RECEITA

Valem as sisas	200:000$000
As alfandegas do reino	200:000$000
As 7 casas de Lisboa	90:000$000
O consulado	70:000$000
Os portos sêccos	33:000$000
A extracção do sal	30:000$000
Proprios, jugadas, mestrados, cruzadas	40:000$000
A chancellaria	60:000$000
Cartas de jogar e solimão	40:000$000
O Brasil e redizima	54:000$000
O pau do Brasil	24:000$000
As terças do reino	24:000$000
A taboa de Setubal e Almada	30:000$000
As ilhas dos Açores	40:000$000
A ilha da Madeira	25:000$000
Angola	24:000$000
A ilha de S. Thomé	10:000$000
Cabo-Verde	15:000$000
Mina	—$—
A India por orçamento, vindo duas naus, e trazendo 15 mil quintaes de pimenta, com fretes, sendo de quatro cobertas, e vendendo-se a pimenta a 25 cruzados o quintal, valem 15 mil quintaes 150 contos de réis. Importaram os direitos 100 contos de réis	250:000$000
Total da receita	1.259:000$000

DESPEZA

Devia a coroa de juros que pagava no anno de 618	185:000$000
Devia de tenças que pagava, de pão, azeite, vinho e dinheiro em vidas	200:000$000
Devia de ordenado, do reino e Brasil	137:000$000
Devia de logares de Africa, Ceuta, Tanger, Mazagão	95:000$000
Total da despeza	617:000$000

(Continúa)

[1] O conde-duque de Olivares, portentoso valido e ministro de Filippe IV de Hespanha e III de Portugal.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — Rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.